

Corpo feminino: a diversidade das formas brasileiras

Female body: the diversity of Brazilian forms

POCI, Bárbara Valle; Especialista; SENAI CETIQT; bpoci@cetiqt.senai.br

CARVALHO, Cristiane de S. dos Santos de; Mestre; SENAI CETIQT;
csantos@cetiqt.senai.br

CUNHA, Glaucia Regina Santos; Mestre; SENAI CETIQT; gcunha@cetiqt.senai.br

Resumo

Este artigo traz à tona uma discussão sobre os biótipos femininos brasileiros e a tentativa de homogeneização desse corpo pela mídia e moda brasileira. Apresentam-se os efeitos causados no público feminino, que busca atender a essa padronização midiática. Com o objetivo de fomentar uma reflexão acerca do assunto, a presente pesquisa faz uma breve apresentação do estudo antropométrico desenvolvido pelo SENAI CETIQT para que sejam consideradas as diversidades das formas brasileiras.

Abstract

This article brings up a discussion about the Brazilian female biotypes and attempted homogenization of this body by the media and Brazilian fashion. The effects on the female audience are presented, which seeks to meet this media standardization. In order to foster a reflection on the subject, this research is a brief presentation of the anthropometric study developed by SENAI CETIQT for consideration the diversity of Brazilian shapes.

Introdução

É sabido que os produtos de vestuário, disponíveis no mercado brasileiro, nem sempre atendem às necessidades do cliente. Essa relação, vestuário/usuário, encontra-se prejudicada devido às medidas das peças não corresponderem às dos consumidores. Podemos citar, por exemplo, as discrepâncias entre manequins de uma mesma loja e de lojas diferentes, os comprimentos em excesso nas calças e nas mangas de camisas e casacos, a altura inadequada de algumas calças de cós baixo, etc. Dentre os usuários que parecem ter mais dificuldade em adquirir uma indumentária que corresponda as suas medidas antropométricas estão as mulheres, pois possuem na sua forma corporal curvas e volumes mais definidos comparativamente com os homens.

O corpo da mulher brasileira traz em suas formas características herdadas da miscigenação ocorrida no Brasil, por meio da vinda dos africanos e europeus que se relacionaram entre si e com os que já se encontravam neste país, os índios. Essa mistura de etnias resultou em corpos diversificados que se distribuíram por cinco regiões: norte, nordeste, centro-oeste, sudeste e sul. No entanto, a forma do corpo da brasileira não é estática ou constante, pois ao longo dos anos vem sofrendo modificações como descrito em pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE que mostra que o brasileiro, a cada ano, ganha aproximadamente 1% da massa corpórea apresentada no ano anterior. O estudo mostrou também que a média da massa corpórea de uma mulher da região norte é de aproximadamente 53.0kg contra 61.5kg da mulher da região sudeste e que, mesmo dentro de uma mesma região, há diferença entre a mulher que vive na cidade (centro urbano) e a que vive no interior (área rural) (IBGE, 2009 apud BASTOS; SABRÁ, 2014, p.3)

O objetivo deste artigo é apresentar as formas corporais da mulher brasileira da atualidade, bem como a realidade da natureza destes corpos apresentados no século XXI. Vale ressaltar que este estudo é pautado nas pesquisas do estudo antropométrico do SENAI CETIQT.

Corpos diversos

Além da questão da miscigenação, que tem como resultado a diversidade de corpos, as medidas antropométricas podem sofrer influência de diversos fatores, como por exemplo:

- Variações climáticas - Países tropicais tendem a apresentar uma população com formas corpóreas alongadas, como as longilíneas, já os países cujas temperaturas, na maior parte do ano, estão abaixo de cinco graus, podem ter indivíduos com uma maior concentração de tecido adiposo, se apresentando em um formato esférico. Nas duas situações descritas anteriormente, a influência da diferenciação de corpos está no tipo de alimentação necessária para viver em ambas as temperaturas.
- Variações temporárias – Esta relaciona-se com a modificação corporal em um determinado tempo, ou seja, mulheres que engordam, o que pode ser por uma questão hormonal, ou quando engravidam. Segundo IIDA (2005), com relação à dimensão lateral, na gravidez, (largura do abdômen), essa proporção é maior, variando de 43,4 cm a 14,0 cm, ou seja, há uma diferença de 210% da maior relação à menor. Além disso, no último mês da gestação as dimensões laterais do abdômen podem aumentar em 80%. Essas dimensões variam de 16,5 cm para 29,7 cm.
- Avanços tecnológicos - A tecnologia dos alimentos, aliada ao avanço dos meios de transporte, melhorou a oferta de mantimentos. Isso porque alguns alimentos só estavam disponíveis em algumas épocas do ano, ou seja, no tempo da colheita e/ ou abate. Atualmente, todos os tipos de alimentos estão disponíveis ao redor do mundo, em todas as épocas do ano. Foi observado que povos subalimentados, que passaram a consumir maior quantidade de proteínas, cresceram em sua estatura média em até 8 cm, em apenas uma década.

Um dos motivos de que cada localidade no mundo possuir características físicas próprias pode convergir com alguns dos exemplos citados no parágrafo anterior. No Brasil, esse item não vai ser diferente, pois a região norte é formada por uma pequena população de brancos, índios e mamelucos com baixo poder econômico. Caracteriza-

se principalmente pela Floresta Amazônica. A região nordeste por sua vez é formada por uma grande população composta por brancos, negros, índios, cafusos e mamelucos, também com baixo poder econômico. É a segunda região mais populosa do país. A região centro-oeste é formada por uma modesta população composta por brancos, índios e mamelucos e com baixo poder econômico. É a segunda maior região em extensão. A região sudeste formada por uma gigantesca população composta de todos os grupos étnicos e com alto poder econômico. É a região mais rica do Brasil e com maior participação do PIB (Produto Interno Bruto) nacional. A região sul é formada em sua maioria por brancos de origem europeia (alemães e poloneses) e com alto poder econômico. É a menor região brasileira e a segunda mais industrializada do país.

Biótipos femininos no Brasil

De acordo com dicionário da língua portuguesa Michaelis, biótipos se define por indivíduos de um mesmo grupo da mesma constituição hereditária, ou seja, pode se entender por terem as características herdadas dos pais, por exemplo, quando um homem e uma mulher possuem características físicas que constituem membros superiores, inferiores e região do tronco alongados e associado com a parte anterior e posterior do tronco achatada, esse tipo pode ser classificado como longilíneo, seria parecido com o mito literário Don Quixote. O herdeiro do homem e da mulher, citado anteriormente, terá as mesmas características físicas dos seus pais. Já um sucessor que possui sua constituição física ao contrário do descrito anteriormente, ou seja, membros superiores e inferiores e o tronco curto com região torácica abaulada este nominado brevelíneo, assemelhando-se com o mito literário Sancho Pança. A miscigenação de pais longilíneos com brevelíneos terá como resultado características intermediárias, essas podendo ser denominadas mediolíneas. Ao se relacionar este estudo com a ótica do condicionamento físico ou da modelagem para construção de roupas, se faz necessário analisar, principalmente, as medidas antropométricas de circunferências do tórax e do quadril para se saber em qual biótipo o indivíduo se enquadra.

Para termos um melhor entendimento da associação das medidas do tórax com o quadril, William Sheldon (1940) realizou um estudo detalhado de uma população de

4000 estudantes norte-americanos. Sua metodologia teve por base um levantamento antropométrico dessa população, fotografando todos os indivíduos de frente, perfil e costas. A análise dos registros fotográficos combinada com o estudo antropométrico, fez com que Sheldon encontrasse características dominantes entre os tipos físicos, como mostra a seguir:

- Ectomorfo – Tipo físico de forma alongada. Tem corpo e membros longos e finos, com o mínimo de gordura e músculos. Ombros largos e caídos, pescoço fino e comprido, rosto magro, queixo recuado, testa alta e abdômen estreito e fino.
- Mesomorfo – Tipo físico musculoso, de formas angulosas. Possui cabeça cúbica, maciça, ombros e peitos largos e abdômen pequeno. Os membros são musculosos e fortes. Possui pouca gordura subcutânea.
- Endomorfo – Tipo físico de forma arredondada e macia, com grandes depósitos de gordura. Tem características de uma pêra, ou seja, estreita em cima e larga em baixo. O abdômen é grande e cheio, o tórax parece ser relativamente pequeno, braços e pernas são curtos e flácidos, ombros e a cabeça são arredondados, ossos são pequenos. O corpo tem baixa densidade, podendo flutuar na água. A pele é macia.

No Brasil, a classificação dos biótipos se deu por muitos anos por formas geométricas e por desenhos de frutas, como descrito a seguir: forma de triângulo, retangular, ampulheta, triângulo invertido, oval, pêra e maçã.

A partir das análises do estudo antropométrico realizado pelo SENAI CETIQT, novas formas geométricas foram acrescentadas às existentes, como mostra os biótipos abaixo:

- Ampulheta - Este biótipo é definido quando existe uma pequena diferença entre as circunferências do tórax e do quadril, além disso, as razões tórax-cintura e quadril-cintura são praticamente iguais e significativas. A mulher com o biótipo ampulheta tem a aparência de ser proporcional no tórax e no quadril e com uma cintura bem marcada;
- Ampulheta Inferior - Esse biótipo, assim como o biótipo ampulheta, é definido a partir das circunferências do tórax, da cintura e do quadril, além da circunferência do quadril alto. Neste biótipo, a mulher apresenta um quadril

maior do que o tórax. Também apresenta as razões tórax-cintura e quadril-cintura significativas o suficiente para produzir uma cintura marcada;

- Ampulheta Superior – Este é definido quando o corpo apresenta a circunferência do tórax maior que a circunferência do quadril e as razões tórax-cintura e quadril-cintura significativas o suficiente para produzir uma cintura marcada;
- Colher - Esse é determinado utilizando as circunferências do tórax, da cintura, do quadril e do quadril alto. Este biótipo é definido quando existe uma diferença positiva entre as circunferências do quadril e do tórax. Apresenta também razão tórax-cintura menor que a apresentada no biótipo ampulheta e um valor alto na razão quadril alto-cintura;
- Triângulo – Caracteriza-se quando a circunferência do quadril for maior que a circunferência do tórax e apresentar razão quadril-cintura pequena. O biótipo tem o quadril bem maior que o tórax, sem ter uma cintura marcada. A diferença deste biótipo para o ampulheta inferior está em não levar em consideração a razão tórax-cintura;
- Triângulo Invertido - Este se aplica quando a circunferência do tórax for maior que a circunferência do quadril e apresentar razão tórax-cintura pequena. A mulher com o biótipo triângulo invertido não tem uma cintura marcada. Esse biótipo não considera a razão quadril-cintura como é considerado no biótipo ampulheta superior;
- Retangular - O biótipo retângulo se aplica quando as circunferências do tórax e do quadril são aproximadamente iguais. Apresenta também valores baixos nas razões tórax-cintura e quadril-cintura, além de uma linha de cintura não muito marcada. Portanto, o tórax, a cintura e o quadril estão alinhados uns com os outros.

Para se obter essas classificações de acordo com Bastos e Sabra (2014), foi desenvolvido um software pelos membros da equipe do estudo antropométrico do SENAI CETIQT, que se baseou nos estudos da pesquisadora americana Karla Simmons, desta forma foi criada uma metodologia própria de análise de dados. Para que se pudesse examinar as informações para classificação dos biótipos, foram utilizadas quatro medidas corporais, ou seja, circunferência do busto, cintura, quadril e quadril alto, sobre 4133 mulheres. Neste estudo preliminar, utilizou-se mulheres de todas as regiões do Brasil: região Norte 232, Nordeste 363, Centro Oeste 35, Sul 132 e Sudeste 3416. O contingente medido nas regiões Nordeste, Centro Oeste, Norte e

Sul ainda não representa a população dessas regiões, ou seja, os resultados obtidos com esses dados ainda não são confiáveis, apenas o quantitativo da região Sudeste é representativo.

De uma maneira geral a mulher brasileira possui o corpo na forma retangular, com destaque para região Nordeste com 70.3%, por outro lado a região Sul aparece com 6.1% de mulheres com corpo ampulheta. Após todas essas análises pergunta-se: onde encontra-se o corpo da mulher brasileira com a forma ampulheta, ou seja, “violão”. Será que essa forma corporal atualmente só é encontrada no imaginário dos brasileiros?

Corpo – um reflexo do tempo

Corpo, de acordo com a definição do dicionário Michaelis, é tudo o que tem extensão e forma; é a estrutura física do homem ou do animal. Desta forma, entendemos o corpo como uma estrutura fisiológica que retrata a imagem do ser humano para o mundo real. O corpo é um reflexo de nós mesmos dentro de um contexto político, social e cultural.

“O corpo é considerado o primeiro veículo de comunicação e expressão utilizado pelo ser humano para a produção, reflexão e análise do conhecimento. Ao longo da existência humana, as diferentes culturas entenderam e utilizaram o corpo como meio de produção de linguagem assumindo, ora a função de objeto representado, ora de signo em processo de representação. A função representativa do corpo é importante ao se analisar, por exemplo, os antigos rituais que deram origem ao teatro (no mundo ocidental), à dança e, atualmente, adquiriram formas expressivas extremamente complexas que passam pela sua utilização como suporte (*body art, tatuagem, piercing*) e também pelo uso como principal elemento de produção de sentido artístico no teatro e na dança contemporânea.” (Castilho; Oliveira. 2008.p.75.)

Entretanto, é percebido que as formas corporais alteram-se ao longo do tempo, e que em cada década é possível observar uma estrutura corporal diferente sendo levada

como padrão de beleza. Basta observarmos algumas formas cultuadas ao longo das décadas. Na década de 20, as melindrosas eram os ícones da época, apresentando uma forma reta, com pouco busto e pouco quadril. [Mary Pickford](#) era atriz e modelo de beleza da época. Na década de 50, o corpo apresentava-se curvilíneo valorizando bustos e quadril, e os ícones de beleza feminina eram as misses, Marta Rocha e Vera Fischer, como também a cantora e atriz Marilyn Monroe. Outro exemplo foi o padrão corporal adotado na década de 80, onde o culto ao corpo foi embalado pelas academias, nas aulas de dança, ginástica localizada, movimentos aeróbicos e musculação. A mulher dos anos 80 apresentava braços e pernas bem definidos e um corpo magro e atlético, como, a cantora internacional, Madonna. Já no início do séc. XX, ano 2000, a magreza e a altura ganham destaque como beleza padrão, seguindo a estrutura corporal da modelo Gisele Bündchen. A saúde é deixada de lado, com a inserção de dietas mirabolantes e inibidores de apetite no cotidiano feminino.

A partir desta reflexão, onde observamos que os padrões de beleza variam de acordo com a época e com o contexto onde estão inseridos, abordaremos aqui a discussão do estudo Antropométrico realizado pelo Senai Cetiqt (2014), onde a maioria das formas corporais encontradas na pesquisa, não é o ideal encontrado no imaginário coletivo.

É sabido através da mídia, principalmente nos assuntos que discorrem sobre a beleza feminina, que o sonho da maioria das mulheres brasileiras é ter um corpo com formas esculturais e proporcionais como encontramos no biótipo ampulheta, onde a cintura é fina em relação aos ombros e quadris que se apresentam em proporções equilibradas. Porém, a partir do levantamento inicial feito pelo estudo Antropométrico do Senai Cetiqt, que teve um número maior de medições na região sudeste, a forma corporal que mais prevalece na população brasileira feminina é o biótipo retangular, onde não há muita diferença entre as circunferências de ombros, cintura e quadril, apresentando um corpo de forma reta e pouco curvilínea.

Analisando a mulher contemporânea, que veste as modernidades do séc. XXI, percebemos que ela é impregnada pelos padrões de beleza impostos pela sociedade, pela publicidade e pela mídia, e nos últimos tempos elas veem manipulando e esculpindo o seu corpo através de cirurgias com o uso de silicone, lipoaspiração,

lipoescultura, abdominoplastia, e também através da prática de atividades físicas com grande intensidade.

Nossa sociedade visa muito aos valores relacionados à juventude, ao mesmo tempo, reconhece a importância da saúde como fonte de prazer. O aumento do tempo de vida faz com que esta mulher não queira envelhecer, pois a velhice atua sobre o corpo através das mudanças drásticas na sua aparência estética e também na parte fisiológica, onde começam a aparecer os problemas hormonais, vasculares, respiratórios, diabetes, dentre outros que mexem sensivelmente com a parte psicológica e com a vaidade feminina.

Hoje, já não se tem mais uma faixa etária específica para a interferência externa nas curvas femininas, como acontecia há tempos atrás quando as mulheres mexiam em seus corpos somente quando eles começavam a dar os sinais da idade. A jovem mulher, ao sair da adolescência ou mesmo ainda nela, já se coloca a serviço de seus corpos de acordo com o que a publicidade, a mídia e os próprios grupos sociais exigem. Vejamos como exemplo as cantoras Ludimilla (19 anos) e Anitta (22 anos), que fizeram diversas cirurgias plásticas, incluindo rosto, cintura e abdômen. Larissa de Macedo, que é conhecida pelo nome artístico de Anitta, disse em uma entrevista para a revista "Veja Rio", em Abril de 2016, que para ela a cirurgia plástica é como cortar o cabelo. "Não penso em fazer mais nenhuma cirurgia, mas isso não significa que eu não vá fazer no futuro. Para mim, é igual a cortar o cabelo", afirma Anitta.

Com o surgimento de uma nova abordagem de beleza feminina, que mistura saúde e padrões estéticos impostos pela mídia, a mulher se encarcerou na dependência de ser valorizada pela aparência de seu corpo, e tenta buscar os padrões estipulados para o seu tempo o prazer do outro.

"Meu corpo não é meu corpo,
é ilusão de outro ser.
Sabe a arte de esconder-me,
e é de tal modo sagaz,
Que a mim de mim ele oculta (...)"

Martins (2008), defende em seu artigo “Ergonomia e moda: repensando a segunda pele”, que o corpo através de uma releitura com o espaço em que ocupa apresenta-se sob cinco peles. Sendo a primeira pele a epiderme; a segunda, a vestimenta; a terceira, a casa do homem; a quarta o meio social e a identidade e a quinta, a humanidade, a natureza e o meio ambiente. O autor descreve cinco peles ocupadas pelas formas do corpo, em que pele epiderme e pele vestimenta se misturam no contexto de proteção e construção de uma identidade única, habitando não somente o espaço físico, mas também o território que determina a existência dentro de um contexto social.

A partir da reflexão sobre as cinco peles, em Martins (2008), podemos perceber que a vestimenta extrapola o limite da proteção, transformando-se em um modo de habitar o território de identidade. Como afirma Castilho e Martins (2005, p.31), “Ele, o corpo, constrói assim significados, manifestações textuais que se deixam apreender e significar pelos efeitos de sentido que produzem justamente ao criar processos de identidade – para ele mesmo e para a moda, que são postos em circulação”.

De acordo com Baudrillard (1995), os objetos não possuem apenas um valor de uso e um valor de troca, mas também um valor de signo, determinantes a partir das práticas de consumo que até podem ser benéficas, mas, na maioria das vezes, são danosas. Desta forma, analisando o corpo como um objeto repleto de signos e significados dentro do contexto estético e social do século XXI, podemos considerá-lo como um dos mais ricos objetos de consumo da atualidade.

Com os avanços tecnológicos na área de saúde, medicina e bioquímica, a mutação corporal apresenta-se cada vez mais popularizada e a edição do corpo é feita constantemente, tendo a mídia e a moda como estímulos para compor um novo design, uma nova forma. O corpo vem sendo corrompido pelos modismos cíclicos e passageiros, e a subordinação feminina aos padrões de beleza impostos pela mídia estão cada vez mais intensa.

“A supremacia dos veículos de comunicação de massa na criação ultrapassam o limites estéticos e envereda, muito sistematicamente, sobre o campo que inclui, inclusive, a saúde. É intrigante o modo de como se cria o padrão de beleza por meio de um determinado tipo de “corpo saudável”, tanto masculino quanto feminino.”

(Gardin, 2008.p.80)

Desta forma, chegamos a um estágio reflexivo em que pergunta-se: Afinal o que seria esse corpo ideal que assombra o inconsciente feminino e faz das mulheres brasileiras escravas de um padrão de beleza coletivo? Sem dúvida, este padrão corporal não está nas pesquisas antropométricas e, conseqüentemente, não encontra-se desfilando pelas ruas como parte da maioria da população brasileira. A forma corporal almejada e desejada pela maioria da população feminina faz parte de um conjunto de padrões estéticos veiculado pela mídia e chancelado pela moda, que são entalhados e desenhados pela medicina estética. A forma corporal feminina tornou-se um objeto de consumo da contemporaneidade, podendo ser comparado a uma bolsa, um telefone e até mesmo a um corte de cabelo.

Considerações Finais

Este trabalho apresentou alguns dados da pesquisa antropométrica brasileira que está sendo realizada pelo SENAI CETIQT, com o objetivo de mapear e apontar as diferentes formas corporais femininas encontradas em todo o território nacional, o que difere do inconsciente coletivo que é alimentado pela massificação de corpos com formas simétricas e perfeitas.

De acordo com a pesquisa do IBGE (2009), os brasileiros apresentam uma forma corporal em constante mutação. Afinal, podemos considerar o Brasil um país de muitos países, pois apresenta uma miscigenação intensa em toda a sua extensão territorial onde encontramos influências de diversas colônias europeias, do povo africano, que aqui foi escravizado, e também dos índios, os donos da terra. Além disso, a influência dos fatores climáticos, temporais e tecnológicos também contribuem com as diversidades corporais encontradas no Brasil. De acordo com a

pesquisa antropométrica realizada pelo SENAI CETIQT esses critérios definem 7 formas corporais: ampulheta, colher, ampulheta inferior, ampulheta superior, triângulo invertido, triângulo e retângulo. Dando destaque para a forma retângulo, que em linhas gerais foi a mais encontrada nas medições por todo país.

O corpo, que é objeto de estudo e de discussão deste artigo, está inserido dentro de um contexto político, social e cultural, alterando as suas formas estruturais ao longo das décadas de acordo com o modismo e o padrão de beleza de cada época. Desta forma, contrapor a realidade encontrada nos estudos antropométricos com a realidade alimentada pela mídia no inconsciente coletivo, traz uma vasta discussão sobre corpo, moda e estética corporal.

Manipulando o corpo através de cirurgiãs estéticas, a mulher do século XXI edita a sua forma constantemente, encarando-o como um objeto de consumo no qual tudo pode ser feito. Na concepção dessa mulher contemporânea, esse processo de manipulação pode ser feito de acordo com o tempo e gosto que ela dispõe. Embaladas pela influência da mídia e da moda que massificam padrões ideias de beleza, essas consumidoras fazem do corpo um objeto de estudo constante, pois nunca será estático, estará sempre em mutação.

Desta forma, as discussões exploradas neste trabalho que abordam o estudo antropométrico e as diferentes formas corporais brasileiras, a partir de pesquisas atuais apresentadas pelo SENAI CETIQT, abrem caminho para outras reflexões dentro do complexo sistema de design e moda.

Referências Bibliográficas:

ANDRADE, Carlos Drummond de. As contradições do corpo. In: **Corpo – novos poemas**. Rio de Janeiro: Record, 1984. p.7-9.

ARAUJO, Denise Castilhos de. **Corpo feminino: construção da mídia?**. Revista Digital - Buenos Aires - ano 13 - nº 120 - Maio de 2008. Disponível em <<http://www.efdeportes.com/efd120/corpo-feminino-construcao-da-midia.htm>> Acesso em: 29,maio, 2016.

BASTOS, S. F.; SABRÁ, F. **A forma do corpo da mulher brasileira**. In: 5th International Conference and Exhibition on 3D Body Scanning Technologies, 21 a 22 outubro 2014, Lugano/Switzerland.

BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, 1995.

CASTILHO, K.; MARTINS, M. M. **Discursos da Moda: semiótica, design e corpo**. 2. ed. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2005.112p.

DEL PRIORE, Mary I. **Corpo a corpo com a mulher**: pequena história da transformação do corpo feminino no Brasil. São Paulo: Senac, 2000.

GARDIN, Carlos. **O corpo mídia: Modos e Moda**. In: CASTILHO, Kátia; OLIVEIRA, Ana Claudia. **Corpo e Moda**: por uma compreensão do contemporâneo. Barueri, SP: Estação das Letras e Cores Editora, 2008. p. 75-83.

IIDA, Itiro. **Ergonomia projeto e produção**, Editora Edgard Blücher, 2ª edição, 2005.

MARTINS, S. B. Ergonomia e moda: repensando a segunda pele. In: PIRES, D. B. **Design de moda**: olhares diversos. São Paulo: Estação das letras e cores, 2008. p. 319-336.

Revista Veja Rio. Rio de Janeiro: Ed. Abril, 2016. Disponível em <<http://veja.abril.com.br/tag/anitta>> Acesso em: 29, maio, 2016.

SABRA, Flávio (Org.). **Modelagem: tecnologia em produção de vestuário**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009.

SANTOS, Caroline Zanardo Gomes dos e SANTOS, Joyce Ribeiro dos. **Design de Moda: o corpo, a roupa e o espaço que os habita**. São Paulo: UNIESP, Revista Multidisciplinar, 2010. Dissertação de Mestrado, Saber Acadêmico, nº 9, Jun/ 2009.

WEIGL, Wilson. **Entenda as mudanças de padrão de beleza ao longo da história**. Disponível em <<http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/entenda-mudancas-padrao-beleza-ao-longo-historia-781162.shtml>>Acesso em: 29, maio, 2016.